

PSICANÁLISE NOS ESPAÇOS PÚBLICOS E CLÍNICA AMPLIADA: AÇÕES, SABERES E TRANSMISSÃO

Christiane CARRIJO¹

Jaqueline Maria IMBRIZI²

Jacqueline de Oliveira MOREIRA³

Leônia Cavalcante TEIXEIRA⁴

Desde 1919, em “Caminhos da Psicoterapia Psicanalítica”, Freud propôs revisões no procedimento terapêutico da psicanálise, com alterações na técnica e no tempo do tratamento para desenvolver uma clínica gratuita voltada a toda população e com possibilidades de custeio ofertado pelo Estado. Se seria preciso fundir o ouro da análise com o cobre da sugestão direta, como dito por ele, o fato é que a psicanálise exercida como clínica gratuita, clínica ampliada, aqui não apenas no sentido designado em nosso Sistema Único de Saúde do Brasil (SUS), mas como uma clínica nos espaços públicos – bordeando propostas que fazem uso de dispositivos clínicos, grupais, artísticos, lúdicos e midiáticos é – um trabalho em processo.

O processo de tornar a psicanálise acessível para toda e qualquer pessoa no Brasil vem se configurando há alguns anos, principalmente, a propósito da abertura política pós-ditadura. Podemos citar como um dos seus pioneiros, o grupo de psicanalistas que se reuniu ao redor de Hélio Pelegriño, no Rio de Janeiro, responsável por fundar a Clínica Social de Psicanálise, em 1973. Neste espaço eram oferecidos atendimentos gratuitos à população. No final da década de 1970 e início da década de 1980, o psicanalista e grupalista Jorge Broide (2019) já desenvolvia trabalhos com grupos operativos nos espaços públicos da cidade de Osasco, em São Paulo, visando o atendimento da população em situação de vulnerabilidade social.

Vinculados às universidades públicas e privadas no Brasil, também surgiram vários serviços de psicologia, que em suas clínicas-escolas, sempre ofereceram gratuidade nos atendimentos clínicos de abordagem psicanalítica, neste caso sempre associados à formação do psicólogo clínico. É em 2014, conforme Ab’Saber (2021) “que ocorreu no Brasil um movimento amplo de tomada dos espaços públicos por trabalhos livres, coletivos e sociais de psicanalistas”. Nós podemos localizar também, o ano de 2016, com o então impeachment

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, SP, Brasil. E-mail: christiane.carrijo@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1486-7006>

² Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), câmpus Baixada Santista, Santos, SP, Brasil. E-mail: jaqueline.imbrizi@unifesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0950-6174>

³ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil. E-mail: jacqdrawin@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0901-4217>

⁴ Universidade de Fortaleza (Unifor), Fortaleza, CE, Brasil. E-mail: leonia.ct@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4997-5349>

da presidenta Dilma Rousseff e os retrocessos sociais de toda ordem no Brasil, culminando com a eleição de um presidente da república de extrema direita que governou o país de 2019 até 2022.

Em um jogo de forças políticas progressistas, podemos localizar vários grupos de psicanalistas que visavam se contrapor às perdas dos direitos civis e sociais conquistados a duras penas no dito período de abertura política no Brasil. É neste caldo cultural que surge o Coletivo Clínica Aberta de Psicanálise da Casa do Povo, que oferece aos sábados atendimento gratuito de psicanálise para a população que frequenta a região do Bom Retiro na cidade de São Paulo. Esta iniciativa foi seguida por vários coletivos de psicanalistas de diferentes Estados do Brasil, vinculados às universidades ou não, e que por meio de metodologias inovadoras oferecem serviços de Clínica Aberta, Social e Pública, de modo a ocupar os vários espaços públicos da cidade com o objetivo de democratizar o acesso à psicanálise. Cabe destacar também que, após o período da Pandemia de Covid-19, houve o aumento de serviços de atendimento online, seja por meio de pesquisas e de dispositivos grupais, que tinham a Teoria dos Sonhos e outras intervenções clínico-políticas como mote de propostas metodológicas inovadoras. Do ponto de vista da história da psicanálise, em 2019, é publicado no Brasil, o livro da historiadora Elizabeth Ann Danto, intitulado “As Clínicas Públicas de Freud: psicanálise e justiça social” que contextualiza um Sigmund Freud preocupado também com a divulgação e o acesso da psicanálise para as classes menos privilegiadas de Viena, no final da Primeira Guerra Mundial.

2

Conforme mencionamos anteriormente, de maneira visionária e pioneira, estas ideias do criador da psicanálise, apresentadas em Budapeste, no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional, com a conferência intitulada, “Caminhos da Psicoterapia Psicanalítica”, apontam caminhos psicanalíticos a serem percorridos. Segundo a reflexão de Jorge Broide, ao prefaciar o livro de Ann Danto: “Ali, Freud coloca que a psicanálise deveria ser gratuita aos que não pudessem pagar e, em muitos casos, os atendimentos deveriam ser bancados pelo Estado” (Broide, 2010, p. XIII).

No rastro de Jorge Broide e Miriam Debieux Rosa, dizemos que esta é uma clínica política, pois atenta a violência das desigualdades socioeconômicas e ao desamparo social e discursivo de pessoas em processos de subalternização e, portanto, invisibilizadas. A Psicanálise diante das situações sociais críticas (Broide & Broide, 2016) e as intervenções psicanalíticas clínico-políticas (Rosa, 2016) são formas de denominar a prática psicanalítica destes pioneiros.

E se o Brasil está, contemporaneamente, em um momento de ebulição para a Psicanálise desenvolvida em nosso país, possibilitando intensas criações e inovações, entrelaçando campos de conhecimentos científicos, saberes ancestrais, práticas comunitárias e ativismo político, esta nossa história se iniciou há muito tempo atrás com a psicanalista, socióloga, educadora sanitária e visitadora psiquiátrica, Virgínia Leone Bicudo; mulher negra, a primeira brasileira a deitar em um divã de um psicanalista da Associação

Psicanalítica Internacional (IPA), pioneira da psicanálise brasileira e da primeira produção acadêmica brasileira sobre relações raciais no Brasil.

É preciso, também, lembrar da psiquiatra e psicanalista Neusa Santos Souza, baiana de nascimento e vinculada, no Rio de Janeiro, com o grupo de estudos do Instituto Brasileiro de Psicanálise e ao Movimento Negro na década de 70, no qual fez parte de uma militância negra organizada, contribuindo com discussões que auxiliaram as pessoas negras a deixarem de ser objetos de estudos das ciências para serem sujeitos de suas histórias e de suas produções acadêmicas. Seu conceito de ideal de ego branco presente no livro, “Tornar-se negro - ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social”, 1983, resultado de sua pesquisa de mestrado no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), é imprescindível para a compreensão do sofrimento psíquico da população negra. Neusa trouxe para a psicanálise e o campo da saúde mental, a vida emocional dos negros, seus sentimentos e vivências de opressão: (...) “saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. Aqui esta experiência é a matéria prima” (Souza, 1983, p. 18).

E como não falar da mineira Lélia Gonzalez? Historiadora e filósofa, dedicada à Antropologia e Cultura Popular Brasileira ao ser professora universitária na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, ela foi uma das precursoras em relação ao estudo sobre as questões do negro nas Universidades, refletindo, principalmente, sobre a representação das mulheres negras e indígenas na sociedade brasileira. Sua marca e reconhecimento estão nas discussões sobre o feminismo negro ou afrolatinoamericano, no contexto social brasileiro. Sua entrada na psicanálise se deu como paciente e foi pelo seu processo de análise que se disse descobrir ser negra e alcançar maior consciência racial e de gênero:

Tive que parar num analista, fazer análise e etc. e tal, e a análise nesse sentido me ajudou muito. A partir daí fui transar meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em filosofia, transando uma forma cultural ocidental tão sofisticada, claro que não podia olhar como coisas importantes. Mas, enfim, voltei às origens, busquei as minhas raízes [...]” (Ratts & Rios, 2010, p. 60-61).

Lélia fundou o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, juntamente com Magno Machado Dias, MD Magno, e Betty Milan, discípulos e analisandos de Lacan e formulou conceitos como uma América Africana e as representações das mulheres negras surgidas por causa do racismo e sexismo da cultura brasileira, de maneira que as figuras da mulata, da doméstica e da mãe preta estão entranhadas no psiquismo e situam como a mulher negra

está presente no discurso de identificação do dominado com o dominador. O passado colonial ainda vivo e presente na violência racista e sexista fizeram Lélia entender o racismo enquanto sintomática que caracteriza o que ela chamou de neurose cultural brasileira. Este traço neurótico se faz presente pela dinâmica do sexismo e também pelo complexo de Édipo recalcado; no caso dos brasileiros, o recalcado conduz à proibição de um duplo desejo, ou seja, não se pode desejar a mãe branca e também a mãe negra. O desejo é duplamente proibido e, assim negado, reaparece como sintoma, o racismo.

Virgínia, Neusa e Lélia deixam-nos suas ações e conceitos pioneiros para o que hoje se chamam, no Brasil e no mundo, práticas e teorias decoloniais, compromissadas com dar voz e trazer para a visibilidade histórias de um passado colonial violento e racista e de um processo de luta antirracista, com a construção de saberes e conhecimentos científicos a partir de pesquisadores e pensadores dos territórios outrora colonizados pelos povos imperialistas. A relação entre capitalismo, racismo e imperialismo torna-se indissociável e o necessário enfrentamento de cada um destes, forças tanáticas, se faz urgente como única possibilidade para manter as forças de Eros, a humanidade e o planeta vivos.

E se a porosidade dos saberes e conhecimentos ancestrais dos povos originários e africanos passam a ser estudados por psicanalistas para repensar suas práticas e conceitos teóricos, na tradição da presença da psicanálise nos espaços públicos das comunicações, temos, como fonte de inspiração, as conferências no rádio de Donald Winnicott (entre 1939 e 1962) e de Françoise Dolto (entre 1976 e 1978), como história psicanalítica a ser recordada. Então, na contemporaneidade, a psicanálise se volta para o ciberespaço, os blogs, os canais midiáticos, os atendimentos online, no laço indissociável entre a clínica, a política e a cultura, acompanhando as mudanças de sua época.

O objetivo deste Dossiê foi de convidar psicanalistas, pesquisadores, professores, professoras, discentes e comunidades de psicanálise de todo o Brasil e do mundo para escreverem artigos e outros manuscritos que contemplem a ideia de uma psicanálise extramuros e voltada para um compromisso sociopolítico, como uma resistência a uma cultura de mercantilização da vida. Uma psicanálise com vistas ao acesso de todos, todas e todes e que utilizem metodologias inventivas pautadas na transformação da lógica capitalista – e da mercadoria – e na superação das desigualdades sociais.

Relembrando Emilio Rodrigué, que brinca ao considerar “o plágio um benigno crime hediondo” e também cita “Deleuze sobre um ‘agenciamento’, uma forma válida de apropriação desejante – um plágio amoroso a céu aberto” (Rodrigué, 1995, p. 28) – dizemos que, com esse dossiê, pudemos todos “futucar” esse campo psicanalítico com nossas próprias trajetórias, releituras e invenções.

De várias regiões do Brasil e com participação de colegas do México, Colômbia e Reino Unido, as autoras e autores, aqui reunidos neste dossiê, vieram dar suas contribuições nesse campo profícuo do saber psicanalítico a partir de suas próprias experiências, vivências, saberes e transmissão e nas quais podemos recorrer a MD Magno (2006, p. 131) em seu

dizer que “a psicanálise é a Arte de transformar o sonhador em artista e que fazer a teoria dessa arte é uma Est’Ética”.

Em “Carta à Lélia”, Adriana Marino, apresenta uma transmissão oral e poética de uma escrevivência para expor e ampliar questionamentos aos coletivos de psicanálise nos espaços públicos com o atravessamento oriundo de sabedorias e tecnologias ancestrais e para pensar e fazer uma psicanálise brasileira.

Com a excelente tradução de Daniel Mondoni e Elisa Mara do Nascimento, a conferência, “Casuística, Escuta e Rememoração: três práticas psicanalíticas potencialmente decoloniais”, de David Pavón-Cuellar, professor da Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, importante intelectual da Psicologia Crítica Latinoamericana e mundial, aborda três práticas psicanalíticas que podem ter efeitos anticoloniais e desafiam o universalismo europeu. Também, apresenta a proposta de estudar outras concepções, como as indígenas da América, de maneira a escutar o reprimido do desejo do colonizado, porque “escutar o que é negado no sujeito nos permite subverter o que o nega”.

A questão da gratuidade referente à dimensão do pagamento nas clínicas públicas de psicanálise é tomada como foco de reflexão por Linnikar Lima e Andrea Guerra em “O Pagamento nas Clínicas Públicas de Psicanálise: uma discussão histórica”, analisando dois momentos históricos distintos e da necessidade do avanço teórico quanto à analítica da questão do pagamento na teoria da clínica psicanalítica.

E se o Brasil pensa e faz uma psicanálise nos espaços públicos, com “A Alegria é brasileira: encontros da Psicanálise com o semiárido nordestino”, Fernanda Canavêz e Saulo Luders Fernandes, trazem uma discussão epistemológica a partir de pesquisa feita em territórios tradicionais do semiárido do nordeste brasileiro para investigar a porosidade da psicanálise aos saberes populares e destacam a alegria como afeto presente.

Temos artigos que apresentam reflexões e trabalhos realizados por Coletivos de Psicanálise no Brasil, dessa maneira, com “Coletivos de Psicanalistas: pé dentro, pé fora de movimentos sociais”, Ivan Ramos Estevão e Augusto Ribeiro Coaracy Neto analisam a emergência de coletivos de psicanalistas no Brasil a partir de 2012, em consonância com as questões políticas brasileiras do período por entenderem a ligação da clínica e formação psicanalítica com o ativismo político e com diversos territórios. E como se constitui um coletivo e quais as consequências da prática analítica a partir da problematização da presença do psicanalista na cidade? Esta é a questão norteadora do artigo, “Um Começo, um Lugar e uma Seção: a constituição do Coletivo Estação Psicanálise em Campinas”, de Ana Claudia Ubinha Fattori, Lucas Palma, Marta Togni Ferreira e Lauro José Siqueira Baldini que descrevem como a experiência político-social, os laços transferenciais e a construção dos casos clínicos e do Coletivo se fazem a partir das particularidades de uma escuta do sofrimento.

Em “Enfrentando as raízes da branquitude: a experiência de enegrecimento da Casa da Árvore”, Luana Nogueira de Farias Moura, Nicole Xavier Meireles, Fernanda Augusta

Amitay Kutwak, Luana Corrêa dos Santos e Liandra Lima Carvalho analisam e refletem a importância dos estudos sobre as relações raciais e a urgência da discussão sobre a paridade racial dentro das instituições, o enegrecimento das equipes, a partir do relato de experiência profissional na ONG Casa da Árvore, criada em 2001, no Rio de Janeiro, a partir da inspiração francesa, Maison Verte, e que faz uma clínica de psicanálise ampliada no cuidado de crianças e famílias periféricas.

Patricia Beretta Costa e Miriam Debieux Rosa em “Maternidades Marginalizadas e a possibilidade de uma Clínica-Política nas ruas de São Paulo”, contam a respeito de uma escuta clínico-política com mães marginalizadas nas ruas do centro de São Paulo e do sofrimento gerado pelos processos de destituição e/ou suspensão do poder familiar e do atravessamento de raça, classe e gênero no campo da parentalidade e maternidade, pois, afinal, quem pode ser mãe no Brasil?

Em “Somos Capazes De Escutar As Vulnerabilidades Socialmente Induzidas?”, Victor Hugo Amorim de França, Bruno Netto dos Reis e Maria Tavares Cavalcanti exercitam uma psicanálise implicada ao se questionarem sobre a capacidade dos psicanalistas de escutarem as pessoas em processos de subalternização advindas da distribuição desigual da precariedade, em nosso país. Para a invenção de uma escuta implicada, eles defendem o diálogo do campo psicanalítico com outras áreas de conhecimento no sentido de problematizar os lugares de fala e de escuta na situação clínica, indicando a prática do testemunho.

Em “Margear na clínica: uma articulação entre a clínica pública e a RAPS”, Kwame Yonatan Poli dos Santos compartilha com leitores a sua experiência no Coletivo Margens Clínicas por meio do exercício de uma narrativa sobre o seu percurso clínico. Nesse percurso, ele propõe o “margear” como uma ética de atuação no espaço público e a invenção de dispositivos clínicos com vistas ao enfrentamento da violência colonial junto a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

“No meio do caminho tinha uma pedra....: o crack e o corpo” é o título do artigo de Anna Katarina Barbosa da Silva e Glória Maria Monteiro de Carvalho, no qual são abordados a adicção e as saídas que podem ser construídas no processo de escuta sustentada pela transferência na clínica institucional. A pulsão e o gozo são trabalhados como norteadores conceituais e metodológicos na escuta de um sujeito que tem na dependência química uma pedra que, quando poetizada pela transferência, tenta a responsabilização do sujeito com seus atos.

Diego Fernando Bolaños, Yorladiz Giraldo Gutierrez, María Camila Miranda Jurado e Ana Maria Lopez Bacca, um grupo de pesquisadores e psicanalistas com o artigo “Saúde mental em adolescentes em conflito com a lei em ambientes fechados: ‘estar bem da cabeça’”, nos oferecem um quadro reflexivo sobre os fatores de risco à saúde mental e elementos protetivos da saúde mental de adolescentes acautelados na Colômbia, a partir de uma pesquisa qualitativa que escutou dez jovens. Conclui-se que a própria situação de

privação da liberdade é um fator de risco à saúde, mas a oportunidade de estudos, apoio da equipe e da família compõem uma força de proteção à saúde mental.

Carla Jeucken, Maycon Rodrigo da Silveira Torres e Giselle Falbo nos presenteariam com um escrito acerca do dispositivo clínico-institucional da “‘Prática entre vários’ à brasileira: o papel da psicanálise nos CAPSIS” junto às crianças e adolescentes vulnerabilizados em um equipamento de cuidado do Sistema Único de Saúde. O campo da saúde mental infantojuvenil que tem o CAPSi como articulador na atenção secundária de saúde, quando defrontado com a hegemonia biomédica do Transtorno do Espectro Autista – TEA, ocupa um lugar de resistência da escuta do singular. Ao invés de crianças e adolescentes com TEA, são sujeitos singulares que são reconhecidos no encontro da ética psicanalítica com a ética da clínica ampliada e humanizada do SUS.

O artigo intitulado “Raça e gênero na saúde mental: o que a psicanálise (não) escuta”, de Caroline Heloisa Sapatini, Beatriz Almeida Gabardo Traldi e Kelly Cristina Brandão da Silva, apresenta uma relevância e originalidade marcantes ao abordar questões críticas frequentemente negligenciadas na prática psicanalítica e nos serviços de saúde mental. Sua contribuição é importante porque coloca em evidência os marcadores sociais de raça e gênero como dimensões fundamentais para entender o sofrimento psíquico. A originalidade do artigo reside, primeiramente, na análise de um conjunto significativo de dados – 346 prontuários – aliado ao uso de questionários qualitativos, o que confere profundidade e diversidade à pesquisa. Além disso, o estudo dialoga com a luta antimanicomial, ampliando o escopo da psicanálise tradicional ao considerar as implicações históricas e sociopolíticas que moldam o sofrimento psíquico.

No artigo, “O Profícuo Instante de Ver: sobre a presença do psicanalista no hospital”, as autoras, Irene Moura Beteille, Sonia Alberti e Aline da Silva Gonçalves, percorrem um trabalho resultado das experiências de psicanalistas no hospital e da importância dessa escuta clínica que acontece na efemeridade. Temos a descrição de estudos de casos de pacientes atendidos, metodologicamente também com um percurso na literatura na área da psicanálise e da saúde, articulando autores importantes para essa clínica exercitada pela escuta do sujeito e do espaço livre para sua fala.

Com Maithê Cristina Uliana e Érico Bruno Viana Campos, no relato de experiência, “A Psicoterapia Psicanalítica do Paciente com Parkinson no Contexto da Clínica Ampliada”, a partir do acompanhamento psicológico de orientação psicanalítica a um paciente com essa doença neurológica degenerativa, com curso crônico progressivo, são descritos os aspectos emocionais e inconscientes presentes na reabilitação, as saídas patológicas e a importância do espaço de escuta desse sofrimento como facilitador para processos de luto.

Em “Intervenções Psicanalíticas com Famílias: metassíntese”, Paula Orchiucci Miura, Ana Letícia Rios Castro Alves, Gisele da Luz Freire Silva, Tainá de Paula Gonçalves e Yasmin Cristini de Oliveira procuram identificar, descrever e analisar produções acadêmicas nas temáticas de intervenções psicanalíticas com famílias, numa revisão sistemática do tipo

metassíntese, em cinco bases de dados, e a leitura aprofundada dos artigos selecionados. Estes foram agrupados em tópicos e analisados em categorias temáticas de acordo com a análise de conteúdo e evidenciaram a importância da escuta psicanalítica como recurso a ser utilizado em intervenções com famílias.

No artigo “Setting Psicanalítico Virtual, Des-Construção dos Muros e Democratização da Psicanálise: algumas considerações”, Vanuza Monteiro Campos Postigo e Regina Glória Nunes Andrade, abordam o nascimento de um setting psicanalítico virtual e o quanto a pandemia COVID-19 propiciou a aceleração da adesão de psicanalistas ao ciberespaço. Foi traçado um percurso dessa história a partir da metodologia da pesquisa bibliográfica e da revisão da literatura psicanalítica da área estudada, com reflexões críticas condizentes e pertinentes sobre avanços e limites para a atuação do psicanalista no espaço virtual.

O texto “Psicanálise e Universidade: entrelaçando saberes através de uma Liga Acadêmica”, de Larissa Christine Jerônimo Neiva, Carlos André Silverio de Castro, Gabriel Siqueira Terra e Tales Vilela Santeiro, apresenta méritos significativos ao destacar a relevância das Ligas Acadêmicas (LAs) como dispositivos inovadores de ensino, extensão e pesquisa no contexto universitário. Com foco na criação e nos primeiros anos de funcionamento da Liga Acadêmica de Psicanálise (LAP), o texto se destaca por transmitir a importância da mesma para a criação de espaços autônomos e dinâmicos de aprendizagem, geridos por estudantes, mas alinhados às demandas institucionais. No conjunto, o texto merece destaque por documentar uma experiência acadêmica rica, que articula teoria e prática de maneira inovadora, contribuindo para o fortalecimento da formação psicanalítica e para o diálogo entre universidade e sociedade.

“Desinserção e Masculinidade: a prática psicanalítica de orientação lacaniana em um dispositivo grupal” apresenta, por meio da prática extensionista, um texto com foco no compartilhamento de narrativas sobre gênero e masculinidade, numa prática desenvolvida com homens em tratamento em saúde mental. O relato vigoroso conceitual e metodologicamente, estabelece uma discussão, a partir da psicanálise lacaniana, do dispositivo de grupo e do marcador interseccional de gênero. As masculinidades nos discursos hegemônicos e a aposta na construção de trajetórias singulares constituem o foco do texto de Nuria Malajovich Munõz e Lucas Costa Marins Barbosa.

Em “Psicanálise na Rua: a construção de um dispositivo clínico”, Diandry da Silva Soares dos Santos, Paula Gomes-Silvestre, Luan de Souza Santana, Alana Silva de Carvalho Bittencourt e Suely Aires apresentam um projeto de acolhimento e escuta clínica de pessoas em extrema vulnerabilidade e/ou situação de rua realizado em Salvador por estudantes extensionistas, no Núcleo de Escuta Singularizada, para descrever e abordar a construção de uma prática psicanalítica realizada em settings não tradicionais. Uma escuta para visibilizar pessoas negligenciadas pelo Estado e inventar novas maneiras de intervir com a psicanálise nos territórios da cidade.

Suzane Vasconcelos Zanotti, Lilian Beatriz Silva Rodrigues, Heitor Azevedo Albuquerque de Lima e Lídia Amarilis Alencar Dias, apresentam o artigo “Psicanálise e Música: Notas sobre a Angústia”. O texto surge no contexto do Ateliê de Pesquisa: Psicanálise e Arte, uma ação de extensão universitária que tem como objetivo ampliar os estudos psicanalíticos e promover o diálogo entre a Psicanálise Lacaniana e diferentes expressões artísticas. Nesse cenário, foi desenvolvido um tesouro das referências de Lacan à arte, abrangendo diversas linguagens como pintura, escultura, teatro, literatura e, especialmente, música. Proposta inovadora, que contribui para o ensino da teoria lacaniana, explicita as conexões entre formulações e conceitos lacanianos como a teoria sobre a angústia, conectando conceitos como repetição, acting out, desejo do analista, gozo e, especialmente, o objeto voz e obras musicais. Essa experiência e o relato da mesma, não apenas enriquece o estudo da angústia, mas também reafirma a relevância da arte como campo de investigação teórica e prática psicanalítica.

Isael de Jesus Sena, Camila Ramos de Souza Lima, Marya Izaura da Silva Perdiz, Caio Esteves Silva e Juliana Farias Moreira dos Santos, no artigo “Desafios do Autismo em um Coletivo de Famílias em Vulnerabilidade Social: uma aposta na palavra a partir da Psicanálise”, descrevem como famílias afetadas pelo diagnóstico do Transtorno de Espectro Autista e beneficiárias do Bolsa Família e do Benefício de Prestação Continuada, com o Coletivo de Famílias buscam expressar pela fala, no espaço psicanalítico constituído, uma posição subjetiva e política na busca por inclusão e justiça social. Trata-se de um dispositivo clínico-político realizado na forma de Projeto de Extensão Universitária em Salvador-BA, através da adesão voluntária das usuárias que buscavam se inscrever no cadastro do CRAS e descreve a construção e execução do trabalho.

Em “Clínica Psicanalítica como resistência na Cultura do “Cuidado Gerenciado” em Saúde Mental: entrevista com Anna Fitzgerald, um percurso na psicanálise britânica”, a entrevistada internacional, Anna Fitzgerald, psicoterapeuta psicanalítica para crianças, adolescentes e pais/responsáveis pela Clínica Tavistock de Londres, professora e supervisora da University of London e no Birkbeck College, entre outros espaços de formação e prática psicanalítica, conta para as entrevistadoras Beatriz Zanichelli Sonego e Christiane Carrijo um pouco de seu percurso profissional que se entrelaça com a história da psicanálise nos espaços públicos no Reino Unido. Na trajetória da psicanalista britânica, marca-se hoje a presença da psicanálise no Serviço Nacional de Saúde (NHS) do Reino Unido como uma prática de resistência a uma cultura de “cuidado gerenciado” em saúde mental, com a clínica psicanalítica defendendo um atendimento público-comunitário numa proposta ética de escuta do sofrimento humano e contrária a práticas psicoterapêuticas adaptativas, de poucos atendimentos clínicos, com disfarce de eficiência, numa simplificação dos serviços prestados.

Jaquelina Maria Imbrizi, Ricardo Almeida Cavalcante e Silvio Ricardo Gomes Carneiro realizaram uma entrevista intitulada “A Clínica Aberta de Psicanálise e o Analista Grupo:

entrevista com Tales Ab’Sáber”, na qual foi possível destacar os autores de referência na trajetória do psicanalista e que subsidiaram a invenção do Coletivo de Psicanálise da Casa do Povo e a criação do conceito “analista-grupo”. Nas respostas foram destacadas as capacidades inventivas e críticas da psicanálise e dos psicanalistas diante das catástrofes políticas de determinado contexto sociopolítico.

Agradecemos as autoras e autores que enviaram seus trabalhos para este dossiê da *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, pela confiança e desejo de registrarem suas pesquisas no campo psicanalítico dos espaços públicos.

Esperamos que a leitura dos manuscritos do Dossiê “Psicanálise nos Espaços Públicos e Clínica Ampliada: ações, saberes e transmissão” possam inspirar a prática psicanalítica implicada com uma ética compromissada com a escuta e acolhimento das pessoas em sofrimento mental, na construção de conhecimentos e técnicas a partir da realidade e das questões de sua época, com a possibilidade de repensar o presente com os testemunhos do passado para vivermos com respeito à dignidade humana e a todos os povos e a mãe Terra.

Boas leituras!

REFERÊNCIAS

10

Ab’Saber, T. (2021). A clínica aberta e o analista grupo: suas transferências e o comum. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 24(4), 501–511. <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2021v24n4p501.1>

Ann Danto, E. (2019). *As Clínicas Públicas de Freud. Psicanálise e Justiça Social*. Perspectiva.

Broide, J. (1992). A Psicoterapia Psicanalítica na rua realizada através de grupo operativo: a rua enquanto instituição das populações marginalizadas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 12(2), 24–33. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931992000200005>

Broide, J. (2019). Prefácio In E. Ann Danto, *As Clínicas Públicas de Freud. Psicanálise e Justiça Social*. Perspectiva.

Broide, J., & Broide, E. (2016). *A psicanálise em situações sociais críticas*. Escuta.

Magno, MD. (2006). *Grande Ser tão Veredas: seminário 1985*. Novamente.

Ratts, A., & Rios, F. (2010). *Lélia Gonzalez - Retratos do Brasil Negro*. Summus/Selo Negro.

Rodrigué, E. (1995). *Sigmund Freud - o século da Psicanálise 1895-1995* (Vol. 1). Escuta.

Carrijo, C., Imbrizi, J. M., Moreira, J. O., & Teixeira, L. C. (2024). Psicanálise nos espaços públicos e clínica ampliada: ações, saberes e transmissão. *PLURAL – Revista de Psicologia UNESP Bauru*, 4, e024p01.

Rosa, M. D. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. Escuta/Fapesp.

Souza, N. S. (1983). *Tornar-se negro*. Graal.

SOBRE AS ORGANIZADORAS DO DOSSIÊ

Christiane Carrijo é Professora do Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp/Bauru-SP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Unesp/Araraquara-SP. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar/SP. Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Membro do Núcleo de Estudos, Extensão e Pesquisa em Psicanálise, NEEPPSICA/FC – Unesp e do Observatório em Educação em Direitos Humanos, FAAC- Unesp. Membro do Grupo de Pesquisa Memória, Museus e Patrimônio – Ibram/CNPq.

Jaquelina Maria Imbrizi é Professora Associada IV na Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista. É uma das coordenadoras do Laboratório Inter Campi de Psicanálise, Política, Arte e Sociedade da Unifesp - Baixada Santista e Guarulhos. É membra do Laboratório de Psicanálise, Sociedade e Política (PSOPOL-USP). Atualmente é cocoordenadora da Ação de Extensão "Clínicas Sociais, Psicanálise e Filosofia".

Jacqueline de Oliveira Moreira é Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Filosofia pela UFMG. Pós-doutorado em Teologia - Faculdade Jesuíta. Professora da Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Psicanalista. Bolsista Produtividade CNPq PQ 1D. Membro da Câmara de Ciências Humanas da FAPEMIG. Vice-líder do Laboratório de Psicanálise e Crítica Social – LAPCRIS – PUC Minas.

Leônia Cavalcante Teixeira é Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, com pós-doutorado em Psicologia/ CAPES na Universidade Aberta de Lisboa. Psicóloga e psicanalista. Membro do LAEpCUS – Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade; do GT Psicanálise, política e clínica da ANPEPP; da Rede Internacional Coletivo Amarrações – Psicanálise & Políticas com Juventudes; e, do MCVI – A universidade na prevenção e no enfrentamento da violência no Ceará.